

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º & entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	650	120
Posseções ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-	-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 144

21 DE DEZEMBRO 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, RUA DO LORETO, ESTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

SUMMARY

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASO LOBATO — Othello, RECREATOR — Cartas do Douro, MONTEIRO RAMALHO — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, o Jardim Botânico da Universidade, A. FILIPPE SIMÕES — As nossas gravuras — Saraiva de Carvalho, notas biographicas, R. — Successos do Egypto, R. — O amigo Visconde, ALBERTO BRAGA — Ephemérides Artístico-Litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações — Aos nossos estimaveis assignantes.

GRAVURAS. — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Estufa do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra — Jardim Botânico da Universidade de Coimbra — Louis Blanc — D. Estanislao Figueras — Caminhos de Ferro Portuguezes, Tunnel de Trézol,

no caminho de ferro da Beira Alta — D. Casto Placencia — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma das coisas que mais nos diverte no nosso paiz é o reviramento completo e constante da chamada opinião publica, as cambalhotas permanentes que ella dá em todos os assumptos, com uma rapidez tal, que nunca é possível saber ao certo quando ella está pelos pés ou pela cabeça.

Um dia a opinião publica, esse extraordinario clown, exaspera-se, irrita-se, revolta-se, pelas cutiladas que a municipal dá á porta do Passeio, e levando a sua indignação mais longe dos cavacos dos botequins, e das declamações das casas particulares, barafusta, procura, indaga, qual a

mão que fez vibrar a espada orelhica dos janeyros da guarda, — é o termo das grandes indignações, — sabe, acertada ou erradamente, pouco importa ao caso, que essa mão é a do sr. presidente da camara municipal, enche-se de seriedade e de resolução, solicita grave e ameaçador do governo a dissolução d'essa camara, e consegue-a triumphante.

Bello! A camara é dissolvida, o presidente da camara é votado ás iras populares, e as orelhas cortadas recebem esta satisfação publica junctamente com o papel adhesivo.

Trata-se logo, immediante, da opinião publica, tão violentamente ultrajada e tão solemnemente desaffrontada, de eleger nova camara.

Era o momento do grande desaggravo pessoal. O governo tinha feito o seu dever, a opinião publica ia fazel-o então, ¶



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — ESTUFA DO JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Segundo uma photographia de Santos)

— Ah! pois tu mandas acutillar o povo inerte? Tu fazes correr o sangue dos cidadãos que te collocaram á frente do municipio? Queres transformar a cidade que te entregou as chaves n'um açougue? Não te contentas em fazer de Lisboa uma Veneza de lama, no inverno, queres fazer d'ella uma Veneza de sangue no verão? Pois deixa estar que já te arranjam! Nunca mais ouves, *au grand jamais!* percebes francez? *au grand jamais* tornarás a pôr os pés nos paços do conselho, a não ser como um simples munícipe, que vai assistir a uma sessão, ou pedir o concerto d'um cano da sua rua!

Nem mais um voto, Nero do largo do Pelourinho, nem mais um voto!

E a eleição chegou, e a opinião publica... elegeu por unanimidade o homem que na véspera fizera demittir! Depois de lhe dar as suas orelhas deu-lhe os seus votos. E se não foram tantos, a culpa não é dos eleitores, é do código administrativo, muito menos prodigo do que a natureza, porque ao passo que esta concede a cada cidadão duas orelhas, aquella concede-lhe apenas uma lista!

Ora Deus nos livre de vir aqui levantar antigos odios, de fazer erguer das velhas costuras das orelhas lisboetas, rancores já esquecidos! Além d'isso, não accusamos hoje, nem então accusámos o homem de quem se trata, de ter querido desorelhar a população de Lisboa, e pelo contrario temos por elle muita estima e muita consideração.

Resuscitamos a já esquecida lenda das cutiladas do passeio, unicamente como um exemplo frisante da fixidez da opinião publica em Lisboa, d'essa opinião publica que hoje pede a demolição d'uma camara, e que amanhã a reelege por unanimidade.

Esse exemplo repete-se todos os dias e em tudo e por tudo. Ha pouco tempo ainda, quando veio a Lisboa o rei de Hespanha, fizeram-se *meetings*, ou se não se chegaram a fazer, annunciaram-se, contra o corte d'umas arvores da praça de D. Pedro. Annos antes, o publico de Lisboa esteve vae não vae fazendo uma revolução por lhe serem na praça de D. Pedro essas arvores.

Hoje o facto repete-se com a mesma cambalhota tradicional.

Desde que comecei a andar por este mundo que oiço o publico e a imprensa vociferar contra as grades do passeio publico. O espirito indigena tirava até um partido encantador d'essas grades: na sua indignação — chamava ao Passeio jaula, gaiola, e outras coisas assim extraordinariamente engraçadas. Ha annos um vereador, o sr. Pequeto, lembrou-me perfeitamente, levou a questão das grades ao seio da vereação. O publico victorioso Pequeto, a popularidade sorriu-lhe, e a troça não poupou epithetos grotescos, aos vereadores que se oppozeram ao arrancamento das grades.

Então a corrente era contra esses pobres varões pintados de verde: não se encontrava um só argumento a justificar-lhe a existencia, e apontavam-se contra, exemplos triumphantes: o jardim do campo de Sant'Anna, e sobretudo o jardim da Patriarchal.

Agora a camara municipal compenetrada finalmente de tantos exemplos e de tantos argumentos, mandou deitar as grades abaixo: no primeiro dia da semana passada a agonia d'ellas começou ás mãos calosas dos operarios da camara, essas mãos que nada poupam, nem mesmo pouparam o theatro da rua dos Condes a que deviam noites de tanta celebridade triumphal.

E grades a cahirem, a cahirem não dizemos bem, a tropeçarem, e a opinião publica a dar a sua reviravolta.

Hontem o humorismo nacional chorou a rir com os ditos que se faziam com essas grades, hoje chora lagrimas sentidas sobre ellas.

Para que deitar as grades abaixo?
Que mal faziam as grades?
O que ha de ser do passeio sem grades?
O que ha de ser da cidade baixa sem passeio?
Onde ha de tocar a musica ao domingo?
Onde hão de as serpentes pyrotechnicas correr atraz das borboletas?
Onde hão de as amas de leite conversar com os soldados da municipal?
Onde ha de dansar o sr. Justino Soares?
Onde se hão de apanhar pneumonias?
Onde hão de as mães da rua dos Fanqueiros e circumvisinhanças ir buscar reumatismos e genros?

Onde hão de os amanuenses ir arranjar espasmas e sogras?

Para que arrancar as grades?
E o côro de suspiros vae engrossando, vae-se tornando côro de maldições; alguns jornaes mesmo já começaram a verter algumas lagrimas de

tinta nacional, sobre o noticiario lisboeta, e não nos admiraremos nada se amanhã houver uma revolução contra o arrancamento das grades, revolução que terá decerto por chefes os que fizeram na camara municipal as ovações ruidosas ao sr. Pequeto.

E assim é que é o mundo, e principalmente Lisboa.

Lafontaine advinhou os retratos photographicos n'aquella sua celebre fabula, do moleiro, o filho e o burro: a sabedoria das nações fez já de ha muito tempo uma phrase para todas as grades de todos os passeios publicos do mundo. Preso por ter cão, preso por não ter cão.

N'este axioma se resume toda a historia da opinião publica na humanidade, e por isso nós para não termos que dar tambem cambalhota mais dia menos dia, limitamo-nos a registrar o facto da semana, singelamente:

— Começaram a ser arrancadas as grades do Passeio Publico do Rocio.

— Parece que as exposições artisticas particulares tomaram serio incremento no nosso paiz, graças a uma nova corrente de gosto pelas bellas artes que felizmente se vae estabelecendo em Portugal.

No anno passado um grupo de excellentes rapazes, cheios de talento e de boa vontade tentou uma exposição de quadros seus nas salas da sociedade de geographia. Essa exposição deu os melhores resultados: o publico e a imprensa occuparam-se muito d'ella e as obras expostas foram compradas quasi na sua totalidade por amadores distinctos das Bellas-Artes, que entendem, e entendem muito bem, que amar a pintura não é sómente gastar rios de dinheiro nas grandes obras dos mestres, é auxiliar e animar os que principiam, os que tem talento e tenacidade, comprando-lhes os seus primeiros trabalhos.

Este anno esse mesmo grupo d'artistas, engrossado com mais alguns de reconhecido e distincto merito, fez exposição dos seus trabalhos novos na sala do *Commercio de Portugal*.

Os quadros, alguns d'elles notaveis, segundo nos dizem, porque ainda não tivemos occasião de os ver, são firmados pelos nomes dos srs. Silva Porto, João Vaz, Christino da Silva, Rodrigues Vieira, José Augusto de Figueiredo, Cypriano Martins, Moura Girão, Branco Malhoa e Henrique Pinto.

A exposição está dando já os seus resultados e tendo um verdadeiro successo. Nos primeiros dias venderam-se logo 22 quadros, 9 dos quaes foram comprados por S. M. El-Rei D. Fernando que é o mais desvelado e intelligente protector das Bellas-Artes e que vae sempre ao encontro de todas as vocações artisticas, de todos os talentos que desabroçam promettedores.

Logo que possamos visitarmos essa exposição felicitando desde já vivamente os distinctos artistas que a promoveram pelo bello resultado do seu audaz empreendimento.

— Outro assumpto da semana foi o concurso brilhante de Pinheiro Chagas á cadeira de litteratura antiga do curso superior lettras, cuja ultima prova, a defeza da these é amanhã 22.

O nome illustre do candidato, o seu talento enorme e provadissimo em tantas manifestações brilhantes e excepcionaes fizeram d'esse concurso um acontecimento litterario.

As duas provas do concurso realisaram-se na sala das sessões da Academia das Sciencias, que esteve sempre completamente cheia de publico, havendo *quene* á porta, do mesmo modo que a ha nos corredores da camara dos deputados todas as vezes que o eminente homem de lettras tem a palavra.

Não é a curiosidade trivial de ver um exame que leva lá o publico, é a avidéz de ouvir a voz auctorizada do illustre escriptor, que é hoje a maior gloria da tribuna parlamentar e academica portugueza.

As lições de Pinheiro Chagas foram brilhantissimas, um verdadeiro regalo para os espiritos delicados e litterarios, e não fallariamos d'ellas apesar de constituirem um dos assumptos mais interessantes da semana, se por ventura n'esse concurso houvesse mais concorrentes, e se as nossas palavras podessem, sem um ridiculo imbecil, ser tomadas como tentativa de influencia sobre o espirito claro e illustrado do jury.

— Os theatros tem fornecido pouco assumpto n'estes dias á chronica. O tenor Gayarre continua em S. Carlos a provocar ovações estridentes na *Favorita* e dizem-nos que, maior novidade, conseguiu na ultima representação dos *Huguenotes*, alcançar ovação parecida com a da opera de Donizetti.

No theatro de D. Maria o *Othello* continua a dar enchentes successivas e applausos entusiasticos.

Na noite de 18 fez beneficio ali um actor novo n'aquelle theatro, o Silva Pereira, um actor muito intelligente e um bello e excellent rapaz, que tem sympathias sinceras e unanimes em Lisboa, pelo seu espirito claro e alegre, pelo seu caracter leal e dedicado.

Motivos de força maior impediram-nos de assistir ao seu beneficio, de nos associarmos ao publico na festa ruidosa e justa que lhe fez, e portanto de poder informar os nossos leitores sobre a comedia que n'essa noite ali se representou pela primeira vez *O Testamento de Cesar Girordot*, a melhor comedia de Adolpho Belot, e que tem o seu logar permanente no repertorio da *Comedie Francaise*, traduzida pelo sr. Pedro Vidocira, um nome litterario considerado que garante a fidelidade e a elegancia da traducção.

O theatro do Gymnasio deu um espectáculo novo em beneficio da sr.^a Beatriz Rente, uma das suas mais estimadas actrizes.

Esse espectáculo foi composto per uma comedia n'um acto de Mery — *Noviciado conjugal*, traduzida excellentemente pelo sr. Coutinho de Miranda; a *Infeliz Carolina!* a que Pinheiro Chagas, deu a graça espirituosa do seu brilhante dialogo, e uma comedia engraçadissima n'um acto, *Amor e Veneno*, traduzida com muito chiste do italiano, pelo actor Montedonio, que não se contentando em a traduzir bem, a representou esplendidamente, tendo n'ella um verdadeiro successo.

A reprise da *Dalila* de Feuillet nos Recreios, valeu mais uma entusiastica ovação á grande actriz Lucinda Simões, ovação que com ella recebeu tambem Furtado Coelho, magnifico e inexcédível no brilhante papel de Carnioli.

Ha seis annos Lisboa já admirou Lucinda e Furtado n'esta peça em que elles são magistraes. Agora a *Dalila* renova o antigo successo, e continua a alimentar n'um crescendo enorme o entusiasmo com que o publico tem seguido as recitas d'estes dois grandes artistas.

A *Dalila* d'esta vez foi mais ainda uma revelação feliz: revelou os progressos notaveis d'uma actriz delicada e intelligentissima, a actriz Maria Carolina Pereira, que n'um papel difficil se soube fazer applaudir ao lado d'aquelles dois artistas notabilissimos, interpretando-o com um cuidado e finura notaveis, fugindo habilmente dos escolhos terriveis d'aquelle personagem romanticamente perigoso, e executando-o com uma sobriedade intelligente e uma consciencia dos seus recursos artisticos, que é tanto mais para applaudir, quanto é rara no theatro e no mundo, essa qualidade privilegiada, de conhecer com precisão as proprias forças, não ir alem do que se póde, e não cahir nos desmandos deploraveis da vaidade.

Gervasio Lobato.

O OTHELLO

II

Brazão sahio triumphante da sua tentativa, e a representação do *Othello* em D. Maria foi uma victoria.

O exito da peça de Shakspeare foi enorme, tanto maior quanto inesperado, tanto mais grato aos artistas, quanto elles estavam receiosos de si, nada habituados ás grandes difficuldades dos personagens shakspeareanos, e quanto o publico está pouco educado e pouco preparado para a audição d'estas obras primas do grande repertorio.

Realmente, a empreza e os artistas do theatro de D. Maria II foram incançaveis de zelo, de cuidado e de esmero na apresentação do *Othello*, e esse zelo e esmero triumpharam completamente de todos os perigos, e venceram o publico desde as primeiras scenas.

Logo no 1.^o acto, a maneira modesta e distincta com que Brazão se apresentou, o desempenho brilhante de João Rosa na celebre fallamete *dinheiro na bolsa*, a admiravel traducção de José Antonio de Freitas, que conserva toda a belleza possante e rude do original, o rigor e esplendor da *mise-en-scene*, do scenario e do guarda-roupa supprehendem os espectadores e, enthusiasmando-os, maravilhando-os de acto para acto, levaram-n'os a victoriar no final a representação do *Othello* com uma d'essas ruidosas ovações meridionaes que os actores do Norte tanto invejam.

O publico foi justissimo e intelligentissimo nos seus applausos. Todas as grandes situações tragicomicas do *Othello* foram marcadas com palmas e, graças ao desempenho, nenhuma d'ellas se perdeu.

Brazão, que ha dois annos se preparava com um estudo serio para esta batalha, chegando mesmo a ir a Londres ver de perto a escola ingleza moderna — escola que o impressionou profundamente, pelo escrupulo e perfeição com que comprehende e executa as grandes tragedias, Brazão foi um *Othello* fino e distincto, vigoroso e pathetico, evitando o escolho terrivel em que tantos têm naufragado — a confusão da força com a violencia, e, se não subiu ás alturas imponentes de Kean ou de Macready, deu-nos um estudo shakspeareano consciencioso, fazendo valer quasi sempre as bellezas litterarias do seu terivel papel. João Rosa foi um Yago magnifico, superior a tudo quanto se podia esperar do seu provadissimo talento, do qual nos revelou na obra immortal de Shakspeare uma phase nova e brilhante. Virginia foi delicada e maviosa, um pouco timida, talvez, nos lances vigorosos. Falco disse bem o seu papel, precisando por ventura de mais colorido na sua tirada a *Othello* no ultimo acto. Augusto Rosa foi um Cassio excelente, fino e brilhante.

Augusto Antunes disse o papel de Brabancio com vigor e convicção, apesar d'essa tibieza de voz muito mais juvenil que a idade do personagem, Torres escripturado expressamente para o papel de Montano, fel-o muito rasoavelmente, os outros papeis foram desempenhados em rigorosa afinação, e todos os artistas concorreram com o seu zelo discreto para o bom desempenho da peça. Em suma Shakspeare tomou fóros de cidade entre nós e sem duvida, contra a crença geral, os nossos actores podem abalançar-se dignamente ao grande repertorio. O grande exito do *Othello* consistiu principalmente na unidade do desempenho que é, faça-se justiça, uma das feições do nosso theatro, onde não existe o *star system* e onde desde o primeiro actor até ao entrega cartas, tudo obedece em geral, cegamente ao mando do ensaiador. O publico costumado a ver o *Othello* por companhias estrangeiras, mal posto, despido do prestigio scenico, com todos os papeis abafados, de proposito, para o successo do tragico dominante, ficou surpreendido com as bellezas sem rival da enorme tragedia de Shakspeare.

Um pequeno perguntava um dia ao pae:
— Papá qu'est ce qu'il faut pour très bien faire quelque chose?
— Mon enfant, il faut y mettre un petit peu de son âme!

Foi isto que fizeram os actores, o ensaiador, o scenographo o *costumier* do theatro de D. Maria. No *Othello* cada um poz um *petit peu de son âme*.

Os actores deram o seu talento a sua intelligencia a sua boa vontade, o seu estudo o seu zelo, o scenographo sr. Manini, toda a belleza e sciencia do seu pincel dextro, o *costumier* o sr. Carlos Cohen fez milagres de verdade e de elegancia na execução dos fatos, o ensaiador o sr. Aristides Abranches, poz todo o seu cuidado e esmero na *mise-en-scene*, o traductor o sr. José Antonio de Freitas, poz o seu bello talento, o seu profundo conhecimento das linguas portugueza e ingleza, o seu estudo, a sua critica o seu bom gosto, na versão da immortal tragedia. Um successo completo formado de todos os pequenos successos parciais.

O exito de Shakspeare deve levantar o ostracismo a que estavam condemnados em Portugal os grandes dramaturgos immortaes, e desconhecidos das nossas platéas, como Sheridan, o Moliere inglez, Goethe, Miguel Beer, Goldoni, Moliere, Douglas Gerrold, Tom Taylor, Alfieri, Calderon, Pietro Cossa, Bullwer, Litton, etc. etc.

O *Othello* em D. Maria foi um dos maiores acontecimentos do theatro portuguez n'estes ultimos annos, e tanto o comprehendeu assim o Ministerio do Reino que abrindo uma excepção á sua tradicional indiferença n'estes assumptos d'arte, enviou á empreza artistica d'aquelle theatro um officio, louvando-a em nome do ministro do reino, pela maneira notavel como procedeu á representação d'esta obra prima da litteratura dramatica, e tanto o comprehendeu assim o publico, que tem feito de cada uma das recitas do *Othello* uma noite de encante para o theatro e uma noite de triumpho para os principaes interpretes da grande tragedia de Shakspeare.

Bom será que á iniciativa victoriosa de Brazão e da empreza de D. Maria, responda o despertar dos poderes publicos n'estas importantes questões d'arte, que Portugal descara completamente, e que preocupam seriamente os princi-

paes paizes do mundo, e que o estado que subsidia com 25 contos de réis um theatro estrangeiro, pense tambem em subsidiar um theatro portuguez, em applicar uma parte do dinheiro publico ao cultivo da arte dramatica, á formação de um theatro nacional, onde se juntassem todos os valiosos elementos artisticos que o paiz possui espalhados pelos varios theatros de simples exploração mercantil, onde se fizesse arte a serio, onde os grandes auctores dramaticos de todos os theatros do mundo tivessem o seu lugar de modelos, e onde a litteratura e arte dramatica nacionaes tivessem uma escola, um incitamento e uma recompensa.

Spectator.

CARTAS DO DOURO

III

Amante do grosso bulício aldeão, fiz um dia d'estes o esforço enorme de madrugar, para ir a uma feira. Em pleno crepusculo matutino, sereno e fresco de outubro, já eu subia alegremente em ranchada festiva pelos carreiros pedregosos dos montes, entre humidos pinheiros que me inundavam inebriantemente os pulmões de aromas acres e sadios, quasi estonteantes. O ar sosegado e impregnado de odores silvestres dava-me uma furia louca de andar vertiginosamente, e nunca aos meus ouvidos entusiastas resouu musica mais sympathica e brandamente cariciosa, do que o murmurio surdo das ramarias agulhosas e verdeneiras.

Pelos casaes isolados os espertos gallos cantavam jubilosamente; e havia sobre a minha cabeça revoadas barulhentas de gaios, celeres por entre os innumeraveis pinheiros immoveis, e granando asperamente em herrarias arrenegadas. Em breve cheguei a uns montes maninhos, desafogados, onde impera sombriamente o granito em amontoamentos cyclopicos; o azul doce e lavado cobria risonhamente estas alturas abruptas, por onde só a espaços cantavam as rudes flores de torga, perladas de orvalho precioso; o ar selvagem, correndo ás soltas, tinha uma pontinha aggressiva de frio; e por todos os lados desenrolavam-se serenamente panoramas extraordinarios, ainda tristes sob a morna placidez do crepusculo vago, e sob as immensas camadas de vegetações verdeneiras. Por toda a parte eram dorsos successivos e revoltos de montanhas, com longas cumiadas bruscas de penhascos negreantes, perfilados em massas torvas; os valles obscuros sumiam-se em estreitas profundezas, como abysmos infernaes que cavassem a terra e a retalhassem irregularmente em divisões extravagantes; e um nevoeiro esparso voejava aereamente pelos horizontes, engastando o azul no collar voluptuoso e magico d'uma vaporização opalina.

Entretanto, na minha frente, ia-me apparecendo lentamente um pico aguçado e elegante do Marão, recortando-se airoso sobre o ceu já dourado; pouco a pouco o gigantesco pico alargava-se e descia pesadamente em cone, cavado e disforme, cuja base accidentada se escondia de cada lado atraz de enormes contrafortes aridos e vermelhentos, e ao centro vinha descendo tumultuosamente até ao valle ensombrado do Teixeira. O alto cume, esteril, e de uma cor avermelhada e macia na distancia, foi n'um instante assaltado pelos primeiros raios do sol, ataviando-se esplendorosamente de uma touca rosada, que n'uma luminosa elasticidade se foi estendendo gradualmente e tomando brandos tons alaranjados; ao mesmo tempo o ceu ruborizado inflamava-se triumphantemente, e pelos declives tombados da serra desenhavam-se vigorosas sombras de rugosidades toscas e fendas contornadas de torrentes. Então, toda a negra paisagem alegrada começou a manchar-se de malhas douradas e quentes, alongadas pelos cumes montuosos; e sob a luz fulva e creadora que se alastrava lentamente pelas accidentadas alturas e ia pendendo pelos valles, tudo reluzia intensamente e cantava um harmonioso concerto, — imperceptivel, mas valentemente sonoro.

Passando em frente do primeiro contraforte vermelhento, grossa muralha cortada a pique, vetusta, peltada, desagradavel na sua decrepidez secular, e como que sustentando já mal, tremulamente, a sua arida sobranceira, pareceu-me ver um grande pedaço doente da natureza, tumor em carne viva, com bostellas seccas de rocha queimada; mas, a meia encosta, os cerrados pinheiros começavam a descer, velando espes-

samente aquella pustula grandiosa; e o tom carregado e aspero das verdes ramarias tornava-se ligeiro e terno sob o sol nascente. Ao fundo, então, o tortuoso valle era de uma frescura deliciosa; uma sombra transparente afogava ainda tudo, e punha uma velatura humida na sensualidade verdejante dos castanheiros e no morbido enlanguescimento amarellado, outomnal, das compactas vegetações visinhas do Teixeira, que corria sinuosamente ao meio do valle entre muros folhosos e esburacados de choupos frementes; era um magro ribeiro derivando mansamente na sombra, e brincando com multidões fluctuantes de folhas cahidas, e tendo de longe em longe sobresaltos selvagens d'encontro a duros fragoedos, que o faziam espadanar em cachoeiras brancas d'espuma; mas, de inverno, estende-se elle soberbamente, tumultuoso, barrento, pelas largas margens, ag'ra cobertas d'abundantes milharas seccas. Entretanto á minha direita já eu via a villa, batida d'alegre sol n'um alto, e estendida ao comprido, cahoticamente, n'um luxo alvarento de casarias caídas, d'entre as quaes emergiam torres em jactos austeros; e pelos caminhos encontrava a cada passo, com carregos varios á cabeça, ou fustigando bacoritos grunhidores atados por guitas, ranchos de mulheres apressadas que me davam cantadamente os — «bós dias».

O formigueiro inquieto e barulhento da feira remexia-se por baixo de longas fileiras de olaias gordas, n'um espaço livre que dominava uma vertente inundada de vinha. A um canto, eram multidões lamuriasas de porcos, grandes e pequenos, de pello preto luzidio, malhados, ou russos, deixando ver coiros vagamente rosados. Os donos tinham-nos lavado, para a pompa mercantil da feira; e agora viam-se afflictos para os conservarem parados, puxando-lhes pelas pernas presas por cordas, descarregando varadas, e praguejando colericamente, enquanto que os compradores se riam deliciados com aquelles episodios interruptores das interminaveis regateirices. Depois, eram burricadas pacificas, adormecidas n'um velhaco torpór, e bandos relinchantes de cavallos, alguns nedios e d'olhar acceso, e a maioria cabisbaixa e lazarenta; entendedores meticulosos andavam afadidamente por entre os animaes, observando e sentenciando, e ouviam-se defeitos enumerados, grossas questões de preços. Seguiam-se manadas serenas de bois, d'enorme corpulencia e ruminação grave, e de bezerras vivos agitando sempre orelhas desconfiadas; ahi havia raras compras, e os boieiros, á frente das suas possantes juntas, iam esperando socegradamente, encostados ás agulhadas compridas. Por diante d'esta feira especial do gado, e bordando uma larga estrada poeirenta, estendiam-se á sombra das olaias correntezas unidas de feirantes agglomerados, falladores, inquietos, fazendo estendões curiosos de innumeraveis objectos e industrias camponias, cercados de grandes ajuntamentos regateadores, do meio dos quaes sahia uma compra de hora em hora. Na estrada, havia constantemente um movimento desencontrado de gentes, homens armados de fortes varapaus, mulheres salpicando alegremente a negrura predominante dos trajos com os seus vestidos e lenços garridos, cavalleiros passando em correrias vistosas, ronceiros carros de bois e vertiginosas carruagens velhas, estragadas nas cidades, e arrastando na villa a sua ultima miseria, sob a tyrannia expansiva dos cocheiros valentões e ebrios. E do outro lado da estrada, encostados a uma alta fileira de casarias irregulares, tornavam a estender-se compactamente os ajuntamentos ruidosos dos feirantes, doceiras com bancas carregadas de amarelentas e brancas guloseimas, vendedores de tecidos, sob toldos assoprados pelo vento. E era por toda a parte uma confusão de cousas infinitas desenroladas pelo chão, ou pondo pelo ar notas pittorescas, no meio d'aquelle extraordinario formigueiro, irrequieto, redomoinhante, levantando um continuo e monotono susurro surdo, por cima do qual cresciam a espaços relinchos estridulos, mugidos plangentes, trovejantes zurros, e chiadeiras asperas de carros.

Por toda a villa havia um grande movimento desusado; e no espaço agitado da feira, estonteante de cores, de vida, e como que de lucta, ia-se concentrando cada vez mais uma calorosa animação, gradualmente promovida pelos negocios rendosos, pelo vinho, e pelo sol impiedoso, — enquanto que o Marão, em frente, na sua mudez titanica, levantava soberanamente o immenso cone escalando o azul, como um gordo e cheio e exuberante peito — da esterilidade...

Monteiro Ramalho.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

O JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE

No seu grande e vasto plano da reforma da universidade o marquez de Pombal deu a maior importancia ao ensino pratico das sciencias, cujo total desprezo fôra uma das principaes, se não a principal causa de decadencia dos estudos no

tar dos alicerces os edificios do museu e do laboratorio chimico para os estudos praticos da historia natural, da physica e da chimica; para os da botannica ordenou a formação de um jardim no lugar que para isso se julgasse mais adequado. Foram preferidos os terrenos situados a Sueste da cidade entre os collegios de S. Bento e de S. José dos Mariannos.

Em 1773 veio a Coimbra o tenente-coronel

professores Vandelli e Dalla-Bella a culpa que por ventura não seria d'elles sómente. «Os ditos professores, dizia, são italianos; e a gente d'esta nação, costumada a ver deitar para o ar centenas de mil cruzados de Portugal em Roma, e cheia d'este enthusiasmo, julga que tudo o que não é excessivamente custoso não é digno do nome portuguez e do seu nome d'elles...»

«Eu, porém, entendo até agora e entendi sem-



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (segundo uma photographia de Santos)

tempo dos jesuitas. Por dois meios radicalmente efficazes, abriu o reformador ás sciencias naturaes em Portugal a mesma larga e luminosa via em que desde o seculo xvii desassombradamente progrediam n'outras nações: mandou vir de fóra do reino professores educados no methodo experimental e fundou os estabelecimentos necessarios para o ensino pratico d'aquellas sciencias.

Nessa fundação coube a melhor parte á faculdade de philosophia de novo creada pelo marquez de Pombal na Universidade de Coimbra. Fez levan-

Guilherme Elsdén, que o marquez encarregára de delinear o novo jardim, sob as indicações do reitor da Universidade dr. Francisco de Lemos de Faria, e dos professores italianos Vandelli e Dalla-Bella com os quaes se fundara a nova faculdade de philosophia.

Não agradou ao marquez o plano que lhe foi enviado. Pareceu-lhe grandioso de mais, e excessiva a despeza que demandaria para ser posto em obra. Em carta de 5 de outubro de 1773, dirigida ao reitor da universidade, lançava aos

pre, que as cousas não são boas porque são muito custosas, mas sim e tão sómente porque são proprias e adequadas para o uso que d'ellas se deve fazer.»

O ministro ordenava n'esta carta ao reitor que fizesse «delinear outro plano reduzido sómente ao numero de herbas medicinaes que são indispensaveis para os exercicios botanicos, e necessarias para se darem aos estudantes as instruções precisas para que não ignorem esta parte da medicina...»



LOUIS BLANC — Fallecido a 9 do corrente

(Segundo uma photographia)



D. ESTANISLAO FIGUERAS — Fallecido a 11 de Novembro de 1882

(Segundo uma photographia)

Em observancia d'estas ordens adoptou-se pois um plano mais modesto, mas que, ainda assim exigia grande despeza, principalmente pelos aterros e muralhas de suporte que o desnivelamento do terreno fazia indispensaveis, e pela pesquisa e encanamento da agua que somente de logares mais ou menos distantes podia ser conduzida para o jardim.

Em 1774, de Lisboa mandou o marquez o jardineiro do jardim real da Ajuda, Julio Mattiazzi, para fazer as primeiras plantações. Os trabalhos de organização do novo estabelecimento foram dirigidos até aos fins do seculo passado por Domingos Vandelli, que por esse tempo sahio para Lisboa a fim de tomar a direcção do jardim da Ajuda.

O marquez de Pombal attribuiu a os professores italianos o que havia excessivamente grandioso no primeiro plano do jardim. E todavia natural que tanto ou mais de que elles desejasse uma obra magnifica o reitor que governou a universidade desde 1770 a 1779, o faustoso D. Francisco de Lemos, que n'esse anno subiu ao solio episcopal coimbricense, vago pela morte do ascetico D. Fr. Miguel da Annunciação. Ainda hoje se conservam em Coimbra as

tradições do fausto que ostentava o magnifico prelado e a largueza com que dispendia as grossas rendas da mitra e as da sua propria casa.

Submisso porem ao marquez e fiel executor das suas ordens, teve, durante aquelle primeiro periodo da sua gerencia, de restringir-se ao plano extremamente modesto que elle instava para que fosse seguido sem discrepancia. Com effeito o sumptuoso prelado appareceu-nos mais tarde, na segunda epoca em que presidiu á universidade, de 1799 a 1821, a exceder manifestamente o plano que lhe fora imposto, afastando-se dos

limites marcados á despeza da construcção, e até ao proprio jardim, pois em 1807 comprou uma parte da cerca do collegio de S. Jose dos Mariannos a fim de o dilatar para o lado do sul, dando-lhe um comprimento quasi duas vezes maior do que até esse tempo tivera.

Da mesma sorte se afastou das idéas do marquez nas compridas e largas ruas, nas grandes escadas na magestosa gradaria de pedra lavrada, ferro e bronze que defende o jardim pela parte de Este ou no sentido do seu maior comprimento.

Não se limitou porem ás obras de aformoseamento. Na parte propriamente scientifica solicitou e seguiu as indicações de Brotero, já a esse tempo lente de botanica e director do jardim. Durou a gerencia do illustre professor desde 1791 a 1811; deve-se-lhe por tanto a parte principal na organização d'este estabelecimento.

Sucedeu ao dr. Felix d'Avellar Brotero na direcção do jardim e na regencia da cadeira de botanica o dr. Antonio José das Neves e Mello, em cujo tempo, desde 1814 a 1821 em que deixou de ser reitor D. Francisco de Lemos, se fizeram as obras mais importantes.

II

A invasão franceza interrompera ape-



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — TUNNEL DE TREZOI, NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA

(Segundo uma photographia de E. Bied) Vid. artigo Caminho de Ferro da Beira, pag. 246

nas por poucos annos as obras do jardim. A guerra civil de 1828 a 1834 teve uma influencia muito mais profunda e mais longamente paralisadora. Depois da extincção das ordens religiosas annexaram-se ao jardim o collegio e cerca de S. Bento. Comtudo, por muitos annos, nem estas acquisições foram de qualquer utilidade para o ensino, nem ao menos houve os necessarios recursos para a terminação das obras que tinham ficado incompletas, algumas das quaes somente se concluíram depois do anno de 1855.

Em 1856, o governo a que presidia o nobre duque de Loulé auctorizou a construcção de uma estufa, cuja belleza e dimensões são verdadeiramente notaveis.

Desde essa época tem havido consideraveis augmentos no jardim botânico de Coimbra, não sómente nas obras de aformoseamento, mas tambem e mais em particular nos trabalhos de classificação, cultura e reproducção das plantas, e na acquisição dos meios necessarios ao estudo pratico da botânica.

Em 1873 foi confiada a regencia da cadeira de botânica e a administração do jardim ao seu actual director o sr. dr. Julio Augusto Henriques, a cujo zelo e dedicacão se devem já muitos melhoramentos importantes no jardim propriamente dito, na cerca de S. Bento e nas salas annexas á aula de botânica, onde se encontram livros, colleções e outros meios de estudo que antecedentemente faltavam.

Dois gravuras illustram este artigo. Uma representa o quadrado inferior, onde estão dispostas pelo methodo natural as dycotiledoneses dialipetabas. No fundo avista-se o aqueducto, construido por el-rei D. Sebastião; mais adiante uma parte da estufa; no centro o lago, onde se cultivam plantas aquaticas; e perto d'elle a grande magnolia, contemporanea de Brotero.

A outra gravura que representa a rua do meio, deixando ver ainda os terraplenos do lado oriental, dá melhor idéa do estylo geral do jardim. É este incontestavelmente o que denominaram classico, e faz lembrar sobretudo a maneira de Le Notre, tão vulgarisada pela Europa durante o seculo passado.

Todavia as grandes desigualdades do terreno, a variedade e belleza da perspectiva dos fundos, a vista do Mondego com uma pequena parte das suas margens, tudo isto destroe em grande parte o effeito da monotonia e regularidade do estylo, e faz com que o jardim botânico de Coimbra seja realmente bello e grandioso, e de todo o ponto digno dos elogios que a tantos estrangeiros illustrados tem merecido.

As gravuras a que nos referimos n'este artigo saíram no n.º 141 do OCCIDENTE. Aquellas que damos hoje representam uma a grande estufa; outra uma parte de um taboleiro ao lado da escadaria da rua central.

A obra da construcção da estufa, notavel pela sua elegancia e grandes dimensões, auctorizou-a em 1856 o governo a que presidia o illustrado duque de Loulé. O risco, do engenheiro Pezerat, foi executado em parte no Instituto Industrial de Lisboa, e n'outra parte na fundição de Massarelos do Porto.

É toda de ferro e vidro, excepto na parte posterior que, por olhar ao norte, se defendeu com parede d'alvenaria.

A outra gravura representa um dos sitios mais pittorescos do jardim, pelo aspecto que lhe dão as palmeiras, bananeiras e outros vegetaes exóticos que o adornam.

de A. Filipe Simões.

AS NOSSAS GRAVURAS

LUÍZ BLANC

No dia 6 do corrente falleceu em Cannes (França) um dos maiores talentos francezes, Luiz Blanc.

Nascera em Madrid a 29 de outubro de 1811, quando seu pae ali se achava como funcionario junto ao rei José Bonaparte. Estudou no collegio de Rodez. Em 1830 veio juntar-se a seu pae em Paris, abandonando a carreira diplomatica a que se queria dedicar. Em 1832 partiu para Arras, afim de fazer a educação do filho de um constructor de machinas; ali, ligando-se com Frederico Degeorge, director do *Propagateur du Pas de Calais*, publicou n'este jornal dois poemas, *Mirabeau* e o *Hotel dos Invalidos*, assim como um *Elogio de Manoel*, que foram coroados pela academia d'Arras.

Mais desafogado então, poude dedicar-se aos trabalhos historicos e de economia social, tendo sido iniciado na vida politica por Flaugergues.

Em 1840 dava a lume duas das suas obras mais notaveis, e que elevaram o seu nome á primeira plana dos pensadores e historiadores do seculo:

— *Ensaio sobre a organização do trabalho e Historia dos dez annos*. Desde então tornou-se popular em França, e por isso, quando em 1848 ali se proclamou a republica, Luiz Blanc fez parte do governo republicano, apesar dos seus 36 annos, a par do velho Dupont de l'Eure, do sábio Arago, de Lamartine, de Ledru Rolin, em summa, a par de tudo o que a França contava de mais illustre e sympathico. Esse governo promulgou duas medidas da mais alta importancia: o suffragio universal e a abolição da pena de morte, sendo o decreto relativo á segunda redigido, parte por Luiz Blanc, parte por Lamartine.

O suffragio universal produziu o advento de Luiz Napoleão. Luiz Blanc, acimado de não sincero, de orgulhoso e de despeitado, foi desterrado pela propria republica.

Foi para Londres, onde publicou a *Historia da Revolução Franceza*, uma obra notabilissima.

Não se aproveitando de varias amnistias, e rejeitando até uma candidatura a deputado, só voltou a França em 1870.

Foi o primeiro deputado que Paris elegeu depois da campanha, ainda antes de Victor Hugo, e desde 1873 era considerado como o chefe da extrema esquerda.

Havia um anno que a doença o impedia de tomar parte activa nas discussões.

Quando falleceu, todas as cidades da França manifestaram publicamente os seus sentimentos por tão notavel perda, e o parlamento francez votou, sob proposta do governo, que os seus funeraes fossem feitos a expensas do Estado.

Collaborou em varios jornaes, como: *Nacional*, *Revista Republicana*, *Nova Minerva* e *Bom Senso*, de que foi redactor. Fundou a *Revista do Progreso*. Era principal redactor da *Reforma* quando rebentou a revolução de 1848. Em Inglaterra publicou outro periodico *O Novo Mundo*; escreveu algumas correspondencias no *Courrier de Paris* e *Etoile Belge*, e no *Temps* uma serie de *Cartas relativas á Inglaterra*, que foram depois juntas n'um volume, etc.

D. ESTANISLAU FIGUERAS Y MORAGAS

Foi a 11 de novembro, poucos dias depois da morte de Luiz Blanc, que a Hespanha perdeu tambem um dos seus homens politicos mais eminentes e que maior influencia exerceu nas vicissitudes da sua patria, chegando a occupar no periodo de tentativa republicana, depois da resignação do rei Amadeu, o posto mais elevado do estado.

D. Estanislau Figueras y Moragas, nasceu em Barcelona a 13 de novembro de 1819, em cuja universidade fez o curso de direito.

Entrado na vida politica manifestou-se logo por suas idéas avançadas, e quando cahiu o governo de Espartero, em 1840, retirou-se para Tarragona, dedicando-se á advocacia.

Foi por primeira vez eleito deputado, pela sua cidade natal, em 1851 e desde então em diante, raro deixou de ter assento na assembléa parlamentar.

Nas constituintes de 1855 votou contra a forma monarchica; foi dos vencidos em 1866, tendo de emigrar, e nas camaras de 1869 figurou logo como chefe da minoria republicana, combatendo com toda a energia e habilidade o estabelecimento da monarchia. Era um dos mais habes oradores parlamentares do reino visinho.

Foi eleito presidente do poder executivo, em seguida á renuncia de Amadeu de Saboya a 11 de fevereiro de 1873. Honrado, de talento lucidissimo, e coração franco, luctou com inumeras difficuldades, resignando o seu elevado cargo a 8 de junho, ausentando-se para o estrangeiro, d'onde voltou poucos mezes depois para defender o seu ideal politico: a federação.

Depois do novo advento da monarchia Figueras, dedicou principalmente as tarefas de foro, a sua eloquencia e talento. Ultimamente, movido pelas divergencias que haviam surgido no seio da democracia, procurava congressar e unir com os laços da concordia os elementos divergentes, quando a morte o veio suspender na sua carreira.

Uma doença aguda o prostrou em poucos dias, faltando apenas dois para cumprir sessenta e trez annos de idade.

AUGUSTO SARAIVA DE CARVALHO

NOTAS BIOGRAPHICAS

Augusto Saraiva de Carvalho nasceu em Lisboa a 25 de julho de 1839, sendo filho legitimo de Francisco Saraiva de Carvalho, negociante, e de D. Jacintha Saraiva de Carvalho.

Feitos os estudos primarios e secundarios, matriculou-se na faculdade de direito na Universidade de Coimbra em 1857, curso que seguiu, sendo premiado em todos os annos. Em 1862 concluiu a sua formatura vindo estabelecer-se na capital.

Dedicando-se ao estudo e a alguns negocios e empresas commerciaes e industriaes, manifestou com tudo a sua illustração e intelligencia em uma conferencia publica, feita no Gremio litterario, sobre — *A população*, no tempo em que essa associação ainda se occupava de assumptos litterarios e scientificos.

Quando em 1867 se começou a organizar um certo centro politico em opposição ao ministerio chamado da *fusion*, congregação dos partidos monarchicos então existentes, Saraiva de Carvalho tomou parte activa n'esses trabalhos, e determinando-se em janeiro de 1868 o movimento que ficou chamado da *janeirinha*, foi ao Porto, como delegado do centro de Lisboa, combinar esse movimento com os seus fautores na cidade invicta.

Sendo então organizado um novo gabinete, em substituição do fusionista, presidido pelo marquez d'Avila, foi Saraiva de Carvalho eleito deputado por Lisboa. Pouco depois, em 1869, em uma reconstrucção ministerial sob a presidencia do marquez de Sá da Bandeira, foi chamado a gerir a pasta da fazenda, cargo em que se conservou apenas nove dias.

Em 1870, em seguida a demissão do ministerio presidido pelo marechal Saldanha, foi de novo chamado ao ministerio entrando na pasta da Justiça, sendo porem a sua gerencia tambem de curta duração.

Até 1875 representou a cidade de Lisboa em côrtes; ficando porem fora da camara até 1879, tornou por essa legislatura a tomar assento no parlamento, como representante da Covilhã.

Nesse mesmo anno foi nomeado ministro das obras publicas commercio e industria, no gabinete presidido pelo sr. Anselmo Braancamp, e que cessou a sua gerencia em março de 1881.

Quando falleceu era deputado pelo circulo da Covilhã, e director das minas de Huelva, socio da antiga livraria Bertrand e de outras empresas.

Falleceu em Lisboa ás 8 horas e 25 minutos da manhã de 29 de novembro ultimo.

R.

SUCCESSOS DO EGYPTO

XII

Depois d'estes successos a Inglaterra começou a enviar mais tropas para Alexandria, afim de organizar um corpo de operações, que podesse oppor-se ao progresso da insurreição.

A primeira concentração de forças fez-se, sob o commando do general Alison, em Alexandria, que servia de base de operações. Arabi-pachá tinha-se fortificado em Kafduar e Abukir, e tinha feito destruir parte do caminho de ferro de Mellaha, que de Alexandria conduz ao Cairo.

No dia 5 de agosto projectou-se um reconhecimento ás posições do inimigo. Para esse effeito, o capitão de mar e guerra Fisher, commandante do couraçado *Inflexible*, inventou um comboio blindado. Era formado por um wagon perfeitamente couraçado por placas de aço, levando no alto uma peça Armstrong de calibre 40. (Vej. pag. 208 do presente volume).

Neste comboio ia o general Alison com o seu estado-maior, o almirante Seymour, officiaes superiores do exercito e armada e correspondentes de jornaes.

Era precedido por dois wagons com material de construcção, com engenheiros competentes, para reconstruir o caminho destruido.

Em Mellaha onde terminava o caminho em bom estado, apearam-se as tropas que estenderam em atiradores, em quanto os engenheiros iam reconstruindo o caminho destruido para o comboio seguir.

Pouco depois ouviam-se as detonações da artilheria; era uma peça de calibre 9, que estava collocada em um dos embarcadouros do canal, que disparava contra os inglezes. Immediatamente se poz em acção a peça de 40, que ia montada sobre o comboio, a qual alcançando a 2:600 metros de distancia, poz em debandada os insurrectos e fez calar a peça inimiga.

A brigada naval, auxiliada por dois regimentos de infantaria, seguiu na direcção do canal, e atravessando o lago de Abukir, secco n'essa estação, tomou uma posição formidavel do outro lado do canal, fazendo activo fogo, cubertos pelo muro do mesmo.

Os egypcios, derrotados em todas as suas posições, fugiam precipitadamente na direcção de

Kuig, Osuran e Kafriuar, deixando no campo muitos mortos e feridos.

O general Alison e almirante Seymour, tendo conseguido o seu objectivo, que era reconhecer as posições dos egypcios, fizeram signal para retirar, por isso que ainda não tinham cavallaria e artilheria de campanha suficientes, para intentar uma batalha decisiva.

Começando a retirada ás sete e meia da tarde, os egypcios julgando que os inglezes iam derrotados, volveram ao ataque, rompendo em fogo violento contra elles. Os inglezes porém, tornando a pôr em acção e na frente a sua artilheria, deram uma tal surriada nos egypcios, que estes dispersaram em todas as direcções em nova fuga; isto durou apenas meia hora, regressando os inglezes a Alexandria, contando apenas 1 official, 1 marinheiro e dois soldados mortos e 2 marinheiros e 24 soldados feridos, sendo 5 gravemente.

No entanto sahira de Inglaterra o general Woolesey commandante em chefe do exercito do Egypto, o qual em um banquete declarára que até 15 de setembro estaria acabada a campanha.

Tardanças de transportes de tropas e falta de cavallaria determinaram a demora das operações. É muito natural que, se os inglezes as houvessem intentado com as forças que tinham, tivessem com mais ou menos difficuldade, conseguido a extincção da guerra, vista a fraqueza das tropas egypcias, que, segundo nos diz um inglez muito conhecedor das coisas d'Africa, tinham sido derrotadas pelos abyssinios que ainda usavam dos mosquetes do tempo de D. Christovam da Gama. O general Woolesey porém, usando de uma louvavel prudencia, não quiz expôr as suas tropas sem que o golpe fosse decisivo.

(Continua.)

R.

O AMIGO VISCONDE

II

Quando o visconde entrou na carruagem, acompanhado de Alvaro, Valentina, visivelmente contrariada pela presença do amigo, apurou-se no lugar, agitou a roda do vestido, puxando-a para os pés. O visconde informou-se delicadamente do seu estado de saúde. Tinha-lhe dito o Alvaro que ia alguma coisa incommodada; e elle não tinha vindo ha mais tempo apresentar os seus respeitos, com receio de importunar. Valentina agradecia, fechando cortezmente os olhos:

— Muito obrigada.

Recebia affavelmente o visconde, mais por um impulso de dever, por uma affeição conjugal, do que por um sentimento espontaneo de sympathia. Pelo contrario, a primeira impressão tinha sido desagradavel.

Foi depois da cerimonia do sacramento, quando ella sahia do altar pelo braço do esposo, feliz, radiante de alegria, o véo de noiva envolvendo-a como uma aza transparente, com um sorriso modesto e indeciso nos labios — que é como um reflexo de triumpho e ao mesmo tempo uma sombra de resignação, — que Alvaro lhe apresentou o amigo:

— O visconde de Tagilde, Valentina.

— Luiz, minha mulher.

O visconde uniu os pés, inclinou-se n'uma curva respeitosa, com a *claque* de encontro aos joelhos. Depois, apurando-se, o pescoço entalado nos altos collarinhos á ingleza, o bigode empinado, pallido, frio e sceptico, olhou para Alvaro, sorrindo:

— Os meus parabens.

O visconde exercia certamente um dominio sobre Alvaro. A sua natureza forte e inflexivel de peninsular, impunha-se ao molle temperamento do amigo.

Valentina observou a differença n'um relance, e instinctivamente sentiu-se humilhada sob o olhar frio do visconde. Conhecia-lhe o nome, que andava na chronica da vida aventureira dos salões de Lisboa. Tinha-o por um d'estes homens mais perigosos do que futeis, e ao mesmo tempo crueis, que fazem ostentação dos proprios vícios, para humilharem e menoscabarem assim a virtude immaculada dos outros.

— Vem para Lisboa? — perguntou-lhe Valentina muito seria, um pouco constrangida sob um olhar insistente e ultrajante do companheiro.

— Ia-se chegando até Lisboa, sim. Tinha feito uma digressão pela provincia, durante os dois ultimos mezes do verão. Oh! detestava a provincia, os seus homens, as suas mulheres, as suas casas, tudo!

— O Porto, por exemplo — dizia elle com um gesto de enfado — que horror de aldeia! Que gente aquella! que *toilettes!* que rapazes bisinhos e que toleiros!

Depois, mudando de tom, e fingindo ironicamente um elogio, para compensar:

— Mas diz que é gente que trabalha muito.

— É uma virtude essa qualidade — disse logo Valentina.

— De certo, — concordou elle, torcendo a guia do bigode, — e muito apreciavel nos nossos criados.

Em seguida fallou dos clubs, dos hoteis.

Oh! Não se podia ali dormir, nem comer! Os criados eram todos estupidos e gallegos.

— Ora, um gallego, minha senhora, é um animal feito para viver ao ar livre. Dentro de uma casa, empesta-a.

Decididamente, Valentina detestava o visconde. O ar imperativo com que fallava, o modo como impunha a sua opinião — tal qual como o argentario soberbo que affronta um pobre, batendo orgulhosamente o seu dinheiro — as idéas extravagantes, os paradoxos, tornavam-no decerto antipathico a uma natureza delicada, simples e ingenua, como era a de Valentina.

O comboio fa-se approximando da outra estação, e o visconde, mudando de tom, disse:

— Eu sinto não poder ir mais tempo na companhia de vossa excellencia...

— Fica n'esta estação!

— Não, minha senhora; sigo até Lisboa. Mas vou a fazer de *chaperon* a...

— A uma tia — terminou Alvaro, do lado.

— A uma minha tia, sim.

Alvaro, sem olhar para o visconde, accrescentou:

— Eu já lhe tinha dito que se mudasse para aqui; mas a tia do Luiz é uma senhora velha, muito doente.

— Sim? — disse Valentina com interesse.

O visconde fechou os olhos, fez uma cara de dô, e respondeu n'um tom dilacerado de commiserção!

— Muito doente, pobre senhora!

O comboio parou.

O visconde poz-se de pé, perfillado, com o *beret* na mão:

— V. ex.^a dá-me as suas ordens.

E sahio de um pulo para a gare.

Quando bateu a portinhola da carruagem, Valentina, como que alliviada de um pezadello que a opprimisse, respirou mais livremente, e reclinou de novo a cabeça no espaldar estofado do seu lugar. Alvaro pensava maravilhado:

— Que distincto que é este visconde.

Apenas entrou no *coupé*, o visconde de Tagilde installou-se commodamente a um canto, com o *couvre-pieds* sobre os joelhos, um charuto na bocca e a cabeça reclinada no estofo. Passou um olhar quasi indifferente por todo o corpo de Leonide, e fez um tregeito de fastio e de cansaco... Estava farto d'aquillo!

Leonide continuava a dormir serenamente no seu lugar, deitada sobre a almofada, com as pernas encolhidas, os joelhos unidos, deixando surgir, d'entre os refochos das saias brancas, os sapatinhos bronzeados e uma parte da meia de seda azul, muito esticada sobre o tornozello. A cabeça pequenina, muito redonda, com os cabellos castanhos empastados sobre a testa até ás sobrancelhas, repousava sobre a travesseira fofa; e uma respiração compassada arfava-lhe suavemente o peito.

O visconde cerrou as palpebras, e principiou a reviver a mulher do seu amigo, n'um confronto inconsciente com Leonide.

Realmente, Valentina era appetitosa! Bonita, elegante, fresca, encantadora, e, de mais a mais, casada e seria! Seria preciso conquistá-la pelo amor, insinuar-se na sua affeição, captivar a pouco a pouco com mimos, com astucia, com fingidos sacrificios...

Ora! elle sabia perfectamente os processos da seducção! E' como quem ministra um veneno subtil, deixando-o ir cahindo gota a gota, seguindo todos os effeitos maravilhosos da destruição lenta, até que, afinal, n'um dado momento... Prompto!

Já estava farto das faceis conquistas dos bastidores, d'aquelles amores fugitivos e mercenários, que se vencem a troco de ramalhetes, ao principio, e de algumas notas, no fim. Nada! Demais a mais, agora, havia a espiçal-o a ideia extravagante do crime! Porque era na verdade um crime, um duplo crime até — a deslealdade ao amigo, e depois o adulterio. Até tinha graça!

Isto fazia uma especie d'aureola ao seu desejo. Como estava já insensivel e gasto, era-lhe preciso o estimulante forte do obstaculo, a seducção do fructo prohibido.

— E que fructosinho! — pensava elle, saboreando.

Mas a ideia do marido surgia, de repente, como um grande obstaculo. O visconde mediu de frente a barreira, calculando-lhe todas as difficuldades, como general amestrado n'estes ataques.

Alvaro era seu amigo; mas — que diabo! — o sentimento d'amizade não era agora uma razão forte, que o fizesse recuar do seu proposito.

Amigo? Assim, assim! Durante solteiro, andaram como dois camaradas, nas mesmas scenas aventurosas de Lisboa. Nenhum facto, de parte a parte, que obrigasse a um grande respeito, a uma inquebrantavel lealdade. E, então, quantos casos sabia elle de amigos verdadeiros, que se trahiam reciprocamente?! Ora! era tudo uma comedia esta vida!

E assim pensando, accomodando as idéas ao seu proposito, todos os escrupulos foram cahindo, um por um, como pedras d'uma fortaleza que se oppõe a um ataque decisivo!

A imagem tentadora de Valentina perseguia-o outra vez! Aparecia-lhe então em todo o esplendor da sua belleza! Que formosos cabellos loiros soltos no delirio do amor e cahindo esparsos pelos hombros de neve, como uma torrente de ouro em fusão! Que beijos deliciosos daria aquella bocca tão fresca e delicada! Que collo, santo Deus! Que seio!...

E foi assim, na obsecação do seu espirito, despidendo Valentina pouco a pouco, vendendo-lhe os contornos suaves de todo o corpo, apalpando-lhe a delicadeza da carne macia, sentindo-lhe as caricias do amor...

— Esplendida! — murmurou elle, a tremer.

E Alvaro?

Oh! d'essa vez, o marido appareceu já como um importuno e um intruso! Era um idiota, indigno do amor d'aquella mulher.

Assaltou-o uma bella ideia! Abriu os olhos, fitou-os em Leonide, e encrespando os labios n'um sorriso traçoceiro — como o sorriso de Mephistopheles no jardim de Martha, — decidiu: — Atiro-lhe com este osso!...

(Continua.)

Alberto Braga.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1805. — Dezembro 21. — Morre o grande poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage, poeta laureado, o mais popular, o mais eloquente, mavioso e fecundo de todos os poetas portuguezes. Era conhecido pelo nome arcadico de *Elmano*.

Nasceu em Setúbal, em 15 de setembro de 1765.

1834. — 22. — Lei sobre a liberdade de imprensa, depois revogada em parte pela lei de 10 de novembro de 1837, sendo esta ampliada emquanto á franquia postal, pelo decreto de 1 de julho de 1848.

1667. — 23. — O padre Antonio Vieira é sentenciado pela inquisição de Coimbra, por *falso propheta e por ter proferido no pulpito e fóra d'elle proposições erroneas* (!)

1768. — 24. — É creada pelo marquez de Pombal a *Impressão Regia* hoje *Imprensa Nacional*. O cofre da universidade emprestou ao da *Impressão Regia* 40 contos para o estabelecimento das suas officinas. Esta instituição foi com o fim de animar as letras e desenvolver n'estes reinos a arte typographica.

1779. — 24. — Fundação da Academia Real das Sciencias pelo duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, tio da rainha D. Maria I. N'esta instituição foi o duque auxiliado pelo abbade Corrêa da Serra que redigiu os estatutos.

A abertura inaugural foi em 4 de julho de 1780 (e não em 17 de janeiro, como dizem uns, ou 16 de maio, como pretendem outros).

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

A bocca de fraco esporada de vinho.

1799. — 25. — Nasce o illustre estadista Antonio Luiz de Seabra auctor do *Código Civil*. O actual visconde de Seabra nasceu nas alturas do Cabo de S. Vicente, dentro de um navio da carreira do Brazil.

1857. — 26. — Tem lugar a abertura inaugural do *Café-Concerto*, situado no largo da Abegoaria. A representação que ali se deu foi em beneficio das familias dos fallecidos pela epidemia da febre amarella.

1846. — 27. — Morre em Torres Vedras, em resultado dos ferimentos recebidos n'aquella acção, o erudito escriptor e distincto poeta e estadista Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque. O duque de Saldanha assistiu aos ultimos momentos de Mousinho de Albuquerque. Jáz na egreja de S. Pedro da mesma villa.

O elogio historico d'este homem verdadeiramente notavel foi recitado em sessão publica da Academia Real das Sciencias, de 19 de novembro de 1856, pelo socio Julio Maximó de Oliveira Pimentel.

1833. — 28. — É transferida para o mosteiro dos Jeronymos, em Belem, a Casa Pia, que estava então no convento do Desterro, e que em 1788 havia sido instituida no Castello de S. Jorge pelo intendente geral de policia D. Diogo de Pina Manique, para o abrigo e ensino dos rapazes orphãos e desvalidos.

1836. — 29. — Instituição das *Escolas Medico-Cirurgicas de Lisboa e Porto*, que vieram reformar as escolas regulares, estabelecidas no hospital de S. José de Lisboa, e hospital da Misericordia do Porto, creadas em 25 de junho de 1825.

1852. — 30. — São creados o *Instituto Industrial de Lisboa* e a *Escola Industrial do Porto*, supprimindo-se o Conservatorio das Artes e Officios, creado por decreto de 18 de novembro de 1836.

Foram reformados em 20 de dezembro de 1864, e 30 de dezembro de 1869.

1769. — 31. — Nasce o illustre publicista Silvestre Pinheiro Ferreira.

1807. — 31. — Nasce José Silvestre Ribeiro.

de primeira intuição, é abafado, arredado por outro principio, infelizmente ainda poderoso, a vaidade e a ferocidade humanas. São pois pingos de agua que vão cahindo sobre a pedra que um dia, tarde é verdade, amolecerá, estes congressos de arbitragem e de federação da paz. Lendo esses discursos ninguem deixa de os achar justos, sensatos, santos mesmo; os proselytos vão-se juntando. Um dia a chamada utopia, virá a ser opinião corrente.

a este assumpto, que tão debatido tem sido; outras noticias relativas ás nossas colonias em países estrangeiros, e o começo de uma memoria do Sr. Padre Espanca *O Deus Endovelico dos celtas (sic) do Alemtejo*.

VASCO DA GAMA, *Galeria de Varões Ilustres de Portugal*, por J. M. Latino Coelho. David Corazzi editor, Lisboa. Está publicada a segunda parte d'esta importante obra, a que já nos referimos, e que completa o bello trabalho do illustre academico, a respeito do glorioso Vasco da Gama.

ALMANACH ILLUSTRADO, para 1883, pelos artistas Casanova e Pastor. É um elegante livrinho, illustrado com profusão, e que muito honra os seus auctores pelo modo distincto porque se apresenta.

ALMANACH DOS ANDARILHOS PORTUGUEZES, para 1883. — Entre os almanachs baratos que aqui receberam este anno, é este um dos mais engraçados.

A MODA, publicação trimensal, da casa Costa Braga & Filhos, e publicados no Porto com fabrica de chapéus. Esta publicação é illustrada com modelos de chapéus d'esta fabrica, uma das primeiras do nosso paiz.

ALBUM DAS GLORIAS, desenho de Raphael Bordallo Pinheiro, texto de João Ribaixo e lithographias de Justino Guedes. O n.º 30 que temos presente publica o perfil de Lopes Trovão, que ainda ha pouco, passou por Lisboa em viagem do Rio de Janeiro para Paris.

CORREIO DO BRAZIL, *Revista mensal*, proprietario e redactor Oliveira Lima. O n.º 5 relativo ao mez de novembro publica os retratos de D. Maria Pia e de el-rei D. Luiz I, com artigos firmados pelo redactor. É uma publicação muito distincta.

PERFIS ARTISTICOS, *Gazeta Musical de Lisboa*, Empresa de João H. T. Guedes, editora, Lisboa. N.º 31 e 32 do segundo anno, com os retratos de Giuseppina Pasqua, D. Ad. Poper e Emile Sauret, e artigos muito interessantes.

ESTATUTOS DA COMPANHIA PORTUGUEZA DA PLANTA GALLEGA. Esta companhia propõe-se ao fabrico de papel com esta planta, o que será um grande melhoramento para Portugal que, contará mais uma industria importante, evitando assim o ter de importar do estrangeiro papel de impressão, o que hoje, com o movimento que ha de publicações, se torna economicamente muito vantajoso. Estes estatutos vem acompanhados de uma memoria sobre a applicação da planta gallega á massa para papel.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Theatro Velho, 6



D. CASTO PLASENCIA (Segundo uma photographia de Alviach)

Vid. artigo O Nesso Supplemento, do numero antecedente.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA... 3.ª serie — n.º 4. — Lisboa — *Imprensa nacional* 1882. Publica este fasciculo, alem da parte das actas da sociedade, varios trabalhos muito notaveis e dignos de attenção, taes são entre outros — *observações acerca da costa e interior da provincia de Moçambique* por Henrique O'Neill, traducção do sr. Augusto de Castilho, no qual ha observações importantes sobre aquella provincia; *de Noki a S. Salvador do Congo*, relatorio muito interessante do fallecido major João Carlos Ribeiro, da missão que foi mandado desempenhar na capital do reino do Congo; *das ilhas de Sandwich e a emigração portugueza*, documento tambem muito curioso com relação

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

LA SYNARCHIE, *discours prononcé au congrès international d'arbitrage et de federation de la paix (Bruxelles, octobre, 1882)*. — Em quanto os politicos, depois de terem ensarilhado os povos em meadas enrinçadas, fazem empunhar as armas, para em ultimo tribunal, decidirem as contendas pelo aço e pela polvora, vão alguns espiritos dedicados ao bem da humanidade, procurando substituir ao direito da força, outro principio mais humano, mais christão, e mais em harmonia com as leis que regem os povos. Effectivamente, se para resolver as querelas entre dois parentes, dois amigos, dois inimigos até, ha um tribunal, um jury, porque razão as contendas entre dois povos limitrophes ou não, deixarão de ser resolvidas por um jury qualquer? Este principio

AOS NOSSOS ESTIMAVEIS ASSIGNANTES

Os cinco volumes do OCCIDENTE, que concluem com o presente numero, são a prova mais positiva que podemos dar ao publico da maneira como temos cumprido o nosso programma, indo mesmo além dos nossos compromissos; entretanto abstemo-nos de empregar phrases pomposas para alegar serviços, que não são no fim de contas senão o cumprimento d'um dever, o dever que nos impõe a nossa missão, e o acolhimento que temos tido do publico e da imprensa de Portugal e do Brazil.

Entre os melhoramentos que realisámos no corrente anno, um que se nos afigura importante, pela satisfação que nos dá, é o de grande parte do quinto volume, que hoje concluimos, ser já impresso em papel nacional, da fabrica de Ruães, o que muito tem concorrido, diga-se em honra da nossa industria, para melhorar a impressão e o aspecto material do nosso jornal.

Por outro lado o successivo aperfeiçoamento e progresso da arte de gravura, em madeira, em Portugal, promovidos pelo nosso periodico, é bem visivel, e quando o OCCIDENTE não tenha prestado outro serviço, parece-nos que este é só por si muito importante, porque implica o desenvolvimento, no nosso paiz, de uma arte que, se não fosse o OCCIDENTE, teria provavelmente definhado entre nós.

No sexto volume, que vamos encetar, relativo ao anno de 1883 continuaremos a seguir o mesmo programma, não adormecendo sobre os resultados colhidos, e procurando pelo contrario, melhorar tanto quanto praticamente fór possível a nossa publicação.

Esperamos por tanto, continuar a merecer o valioso concurso dos nossos estimaveis assignantes e a protecção do publico em geral, confessando-nos extremamente agradecidos a todos quantos nos tem coadjuvado.

A EMPRESA.

13.13